

OS ANARQUISTAS
NO
MOVIMENTO OPERÁRIO

TESE

apresentada pelo grupo editor da

BROCHURA SOCIAL

à

CONFERÊNCIA ANARQUISTA DA REGIÃO DO SUL

REUNIDA EM LISBOA

em

27 e 28 de JUNHO DE 1914

escrita por Afonso Vasco,
apresentada por Aurélio Quintanilha

O S A N A R Q U I S T A S M O S I N O S I N D I C A B I S M O

Após o MOVIMENTO OPERÁRIO o camuflamento da Comuna de Paris, com a relativa necessidade de revolução, e a dissolução O ANARQUISMO NA INTERNACIONAL do movimento. Se procurarmos, não as origens filosóficas do ideal anarquista, nem a filiação do sentimento libertário nas revoltas e aspirações populares do passado, - porque isso perde-se vagamente na noite dos tempos, - mas sim o aparecimento dum movimento anarquista definido, do anarquismo operário com tôdas as características essenciais que tem hoje, vamos encontrá-lo como expressão do movimento operário, vamos encontrá-lo "sindicalista" antes do termo, no seio da Internacional e das associações internacionais de que Bakunine foi o principal inspirador, fundindo e vivificando as ideias marxistas com o pensamento de Proudhon e dos socialistas franceses. Para verificar êste asserto, basta ler os escritos daquela época, como, por exemplo, os quatro límpidos artigos publicados por Bakunine, em meados de 1869, na Égalité de Genebra, e ainda recentemente reunidos em folheto pela Vie Ouvrière, sob o seu título original: A política da Internacional. Ou então a brochura de James Guillaume Ideias sobre a organização social, há pouco reeditada em italiano pelo nosso camarada Luís Fabbri e depois pelo órgão da União Sindical Italiana, - o primeiro para propaganda anarquista e o segundo para propaganda sindicalista revolucionária. Ela, tornou a encher-se a maré revolucionária. Os

O movimento anarquista formou-se, pois, no seio das associações operárias, em países com tradições revolucionárias e suficiente experiência democrática. Entretanto, a Internacional era composta de sindicatos operários (sociedades de resistência) e de ^{centros de estudos sociais} ~~grupos~~ ou grupos de ideias. Hoje concebe-se mais claramente, embora não inteiramente de novo, a diferenciação necessária entre os órgãos e funções de movimento operário e ^(os) de partido político-social, ^(entre os) de luta de classe e ^(os) de propaganda e acção revolucionárias.

com as modificações dos novos tempos. Foi revivificado o anar

quisimo operário, às vezes ANARQUISMO E SINDICALISMO revolucionário. Após a desastrosa guerra franco-prussiana, o esmagamento da Comuna de Paris, com a relativa hecatombe de revolucionários, e a dissolução da Internacional, veio um período de reacção burguesa e de abatimento proletário. As sociedades operárias encolheram-se, abandonando-se aos pequenos expedientes daquela espécie de reformismo que poderíamos chamar, apesar da aparente contradição dos termos, conservador.

Do seu lado, os anarquistas insularam-se, enfraquecidos pela repressão e desanimados ante a enormidade da tarefa, ante o espírito dominante nas corporações. O anarquismo, apartado do movimento operário, entrou de definhar, de se consumir num criticismo estéril e impotente, de se dividir em pequenas capelas, por vezes ridículas, com infiltrações de individualismo ^(a) burguês ou de misticismo, divagações metafísicas e torneios intelectuais de diletantes e de snobes. A tradição anarquista da Internacional pareceu por vezes quebrada, sobretudo em França, a despeito dos esforços de muitos militantes infatigáveis para chamar os anarquistas à consciência da sua missão e para os reconduzir ao terreno fecundo onde tomara corpo a nossa ideia. Lição severa para o futuro, pois as regressões, aparentes ou reais, do movimento operário tendem a desanimar muitos elementos revolucionários, que fazem acentuar ou perdurar com a sua retirada o recuo iniciado.

Por fim, tornou a encher-se a maré revolucionária. Os sindicatos, desiludidos do reformismo chato e do democratismo, adquiriam em França novo espírito; e os anarquistas, reanimados, lançavam-se de novo no movimento operário, atrás de pioneiros, entre os quais é preciso citar Pelloutier. O anarquismo levava o seu espírito, teóricamente enriquecido, convém dizê-lo, pois nem ^(só) inconvenientes lhe trouxera o insulamento; e recuperava em troca o seu carácter popular, de movimento prático de emancipação colectiva. Eis reatada a tradição da Internacional, com os enriquecimentos da prática e da teoria e com as modificações dos novos tempos. Eis revivificado o anar-

ANARQUISMO E SINDICALISMO

Após a desastrosa guerra franco-prussiana, o esmagamento da Comuna de Paris, com a relativa reacção de revolucionários, e a dissolução da Internacional, veio um período de reacção burguesa e de abatimento proletário. As sociedades várias encolheram-se, abandonando-se as pequenas expedientes daquela espécie de reformismo que poderíamos chamar, apesar da aparente contradição dos termos, conservador.

Do seu lado, os anarquistas insularam-se, entreditas dos pela repressão e desanimados ante a enormidade da tarefa, ante o espírito dominante nas corporações. O anarquismo, apartado do movimento operário, entrou de definir, de se consagrar num criticismo estéril e impotente, de se dividir em pequenas capelas, por vezes rídiculas, com infiltrações de individualismos (purgas) de misticismos, divagações metafísicas e torções intelectuais de dilettantes e de anões. A tradição anarquista da Internacional pareceu por vezes quebrada, sobretudo em França, a despeito dos esforços de muitos militantes infatigáveis para chamar os anarquistas à consciência da sua missão e para os reconduzir ao terreno terreno onde tomara corpo a nossa ideia. lição severa para o futuro, pois as regressões, aparentes ou reais, do movimento operário tendem a desanimar muitos elementos revolucionários, que fazem acenar ou perdurar com a sua retirada o recuo iniciado.

Por fim, tornou a encher-se a mare revolucionaista. Os sindicatos, desiludidos do reformismo chato e do democratismo, adquiriram em França novo espírito; e os anarquistas, resmados, lançavam-se de novo no movimento operário, atrás de pontos, entre os quais é preciso citar Pelloutier. O anarquismo levava o seu espírito, tecnicamente enriquecido, convém dizer-lo, pois nem inconvenientes lhe trouxera o insucesso; e recuperava em troca o seu carácter popular, de movimento prático de emancipação colectiva. Ela restava a tradição da Internacional, com os enriquecimentos da prática e da teoria e com as modificações dos novos tempos. Ela revivendo o anar-

quismo operário, às vezes sob o nome de "sindicalismo revolucionário", que é para muitos um simples eufemismo.

Há certamente várias espécies ou concepções de sindicalismo, como as há de anarquismo; e a cada passo, para saber se um sindicalista é na verdade ^(dos nossos) precisamos, não só de observar a sua acção cotidiana e de indagar o modo como entende a luta operária, mas também de o interrogar sobre a sua maneira de conceber a reorganização social. Mas se verificarmos que procede como nós e pretende o mesmo que nós, não nos prendamos demasiadamente com os nomes preferidos, não provoquemos azedumes, desconfianças e divisões por causa de palavras. Para o anarquista, os termos anarquismo e sindicalismo podem ser igualmente queridos; o primeiro para indicar o seu ideal de sociedade sem Estado (não, claro está, sem organização e sem influências interpessoais), de sociedade sem privilégio político e económico; o segundo para designar a necessidade da organização para a luta de classe, para a expropriação dos capitalistas e para a reorganização da sociedade, para exprimir ainda a suprema necessidade da associação voluntária.

O sindicalista considera o sindicato profissional como agrupamento de combate hoje e como grupo produtor na sociedade futura. Mas como concebe êle o funcionamento dêsse grupo? Se o pretende único e fechado, proprietário exclusivo dos meios de produção, o seu ideal é um neo-corporativismo medieval, que produzirá uma nova forma de servidão. A mesma coisa, se êle entrevê uma comissão central a superintender na produção e uma burocracia sindical permanente: o seu fito é um Estado social-democrático, com uma nova divisão em classes. Para ser anarquista, deve querer o grupo profissional livre e aberto e não pode admitir a propriedade individual ou corporativa, nem uma nova classe burocrática; o seu ideal será a livre cooperação (determinada pelas necessidades a que todos voluntariamente se submetem) e o direito de cada um ao uso gratuito dos meios de produzir. O método de organização é a questão política essencial.

A ideia do sindicato ou sociedade de resistência cons-

guismo operário, às vezes sob o nome de "sindicalismo revolucio-
 nário", que é para muitos um simples enfraquecimento.
 Há certamente várias espécies ou concepções de sindi-
 calismo, como as há de anarquismo; e a cada passo, para saber
 se um sindicalista é na verdade, ^(dos nossos) precisamos, não só de obser-
 var a sua ação cotidiana e de indagar o modo como entende a
 luta operária, mas também de o interrogar sobre a sua maneira
 de conceber a reorganização social. Mas se verificarmos que
 procede como nós e pretende o mesmo que nós, não nos prendamos
 demasiadamente com os nomes preferidos, não providenhamos axe-
 limes, desconfianças e divisões por causa de palavras. Para o
 anarquista, os termos anarquismo e sindicalismo podem ser iguai-
 mente queridos; o primeiro para indicar o seu ideal de socie-
 dade sem Estado (não, claro está, sem organização e sem influên-
 cias interpassais), de sociedade sem privilégio político e eco-
 nômico; o segundo para designar a necessidade da organização
 para a luta de classe, para a expropriação dos capitalistas e
 para a reorganização da sociedade, para exprimir ainda a supre-
 ma necessidade da associação voluntária.
 O sindicalista considera o sindicato profissional co-
 mo agrupamento de combate hoje e como grupo produtor na socie-
 dade futura. Mas como concebe ele o funcionamento dessa grupo?
 Se o pretende único e fechado, proprietário exclusivo dos meios
 de produção, o seu ideal é um neo-corporativismo medieval, que
 produzirá uma nova forma de servidão. A mesma coisa, se ele en-
 treve uma comissão central a superintender na produção e uma
 burocracia sindical permanente: o seu fim é um Estado social-
 democrático, com uma nova divisão em classes. Para ser anar-
 quista, deve querer o grupo profissional livre e aberto e não
 pode admitir a propriedade individual ou corporativa, nem uma
 nova classe burocrática; o seu ideal será a livre cooperação
 (determinada pelas necessidades e que todos voluntariamente se
 submetem) e o direito de cada um ao uso gratuito dos meios de
 produção. O método de organização é a questão política essencial.
 A ideia do sindicato ou sociedade de resistência com-

tituindo o elo entre a sociedade presente e a futura, continuando amanhã em proveito de todos a produção hoje guiada pelo interesse duma classe, e a concepção duma sociedade como ser uma "federação económica", como a livre federação dos grupos produtores, são velhas no anarquismo da Internacional e no seu continuador.

Evidentemente, o sindicato actual não será transplantado para a sociedade comunista livre tal qual está. Hoje mesmo modifica-se continuamente, na sua natureza profissional e no seu método de organização, sob a acção dos progressos técnicos e das ideias libertárias. Imagine-se, pois, a diferença, quando a produção, em vez de governada por uma classe em seu proveito, for directamente administrada pelos produtores em benefício de todos, quando forem suprimidos os parasitismos e serviços inúteis ou nocivos, quando a técnica, posta ao serviço da acção e propaganda duma minoria consciente, afinal, a dispoção de todos e dispoção das forças de toda a sociedade, tomar um vôo prodigioso! Hoje, o sindicato é sobretudo uma associação para a luta.

Impossível é, pois, prever exactamente o modo de agrupamento na sociedade livre de iguais. Provavelmente, será múltiplo: o grupo profissional para a produção essencial (alimentação, vestuário, alojamento, etc.); o grupo de afinidades para satisfação das necessidades intelectuais, estéticas e morais; a livre Comuna, para os interesses locais. E as múltiplas federações livres, de sindicatos, de grupos por afinidades e de comunas, (locais, regionais, mundiais),

Em todo caso, cremos que nenhum anarquista comunista deixará de concordar com Malatesta, quando este afirma a grande utilidade dos sindicatos no período de transição e especialmente durante a tormenta insurreccional. "Pode-se dum golpe derribar e destruir o govêrno, podem-se expropriar os detentores da riqueza, mas não se pode de um dia para o outro reorganizar sôbre bases completamente novas a produção e a troca. Entretanto, a vida económica nas suas funções fundamentais não admite interrupção. É preciso comer todos os dias, depois é preciso trabalhar para a construção de uma casa, para a educação dos filhos, para a cultura, para a defesa contra as epidemias, para a manutenção das máquinas, para a conservação das ferramentas, para a manutenção das estradas, para a conservação das fontes de energia, para a conservação das reservas de alimentos, para a conservação das reservas de combustível, para a conservação das reservas de matérias-primas, para a conservação das reservas de mão-de-obra, para a conservação das reservas de conhecimentos, para a conservação das reservas de cultura, para a conservação das reservas de moralidade, para a conservação das reservas de dignidade, para a conservação das reservas de liberdade, para a conservação das reservas de justiça, para a conservação das reservas de paz, para a conservação das reservas de fraternidade, para a conservação das reservas de amor, para a conservação das reservas de vida."

titulando o elo entre a sociedade presente e a futura, conti-
nuando amanhã em proveito de todos a produção hoje guiada pe-
lo interesse duma classe, e a concepção duma sociedade como
uma "federação econômica"; como a livre federação dos grupos
produtores, são velhas no anarquismo da Internacional e no seu
continuador.

Evidentemente, o sindicato actual não será transplan-
tado para a sociedade comunista livre tal qual está. Hoje mes-
mo modifica-se continuamente, na sua natureza profissional e
no seu método de organização, sob a acção dos progressos técni-
cos e das ideias libertárias. Imagine-se, pois, a diferença,
quando a produção, em vez de governada por uma classe em seu
proveito, for directamente administrada pelos produtores em
benefício de todos, quando forem suprimidos os parasitismos e
serviços inúteis ou nocivos, quando a técnica, posta ao servi-
ço de todos e dispondo das forças de toda a sociedade, tomar
um vôo prodigioso! Hoje, o sindicato é sobretudo uma associa-
ção para a luta.

Impossível é, pois, prever exactamente o modo de
agrupamento na sociedade livre de iguais. Provavelmente, será
múltiplo: o grupo profissional para a produção essencial (ali-
mentação, vestuário, alojamento, etc.); o grupo de afinidades
para satisfação das necessidades intellectuaes, estéticas e mo-
raes; a livre Comuna, para os interesses locais. E as múltipli-
des federações livres, de sindicatos, de grupos por afinidades
e de comunas (locaes, regionaes, mundiaes).

Em todo caso, cremos que nenhum anarquista comunista
deixará de concordar com Malatesta, quando este afirma a gran-
de utilidade dos sindicatos no período de transição e especial-
mente durante a tormenta insurreccional. "Pode-se dum golpe
destruir e destruir o governo, podem-se expropriar os detento-
res da riqueza, mas não se pode de um dia para o outro reorga-
nizar sobre bases completamente novas a produção e a troca. En-
tretanto, a vida económica nas suas funções fundamentais não
admite interrupção. É preciso comer todos os dias, depois é

preciso prover ao abastecimento das cidades, ao fabrico do pão, etc. E a satisfação destas necessidades, sem a qual a insurreição seria logo sufocada pela reacção do povo faminto, pode ser enormemente facilitada pelos sindicatos já organizados e prontos a continuar em vantagem de toda a população o trabalho que elles já executavam por conta dos capitalistas!

O AUTOMATISMO SINDICAL

Vimos que, sob a designação de "sindicalista revolucionário", achamos as mais das vezes um anarquista. Contudo, é frequente usarem de preferência aquella qualificação os que, embora com as mesmas aspirações finais que nós, confiam inteiramente nas virtudes intrínsecas do sindicato: êste, para elles, conduz automáticamente, fatalmente, à revolução social e a uma sociedade de produtores livres e iguais, mesmo independentemente da acção e propaganda duma minoria consciente. Afinal, a diferença mede-se apenas em graus, pois não há anarquista que negue ao sindicato operário, agrupamento homogêneo de salarizados, a sua predisposição revolucionária, assim como não há sindicalista que dê crédito completo a essa nova forma de fatalismo económico (verdadeiro pendant e complemento do outro fatalismo ^(a) marxista), conformando com êle a sua acção - ou inacção.

A história do movimento operário em todos os países mostra-nos degenerações, recuos, longos estacionamentos, a luta de classe substituida pela colaboração com a burguesia, pela luta entre as corporações operárias, pelo reformismo estatal e patronal. No congresso anarquista de Amsterdão e noutras partes, Malatesta combateu essa concepção simplista da luta de classe, segundo a qual esta luta surge automáticamente, desde que se agrupam salarizados para defesa dos seus interesses imediatos, económicos e profissionais. Ora, entre os trabalhadores, tomados individualmente, e entre as corporações de ofício ou categorias, há amiudados conflitos e rivalidades de interesse, como, por exemplo, quando uma corporação reclama a construção de couraçados ou de arsenais (caso recente, em Itália), ou quando outra pede uma taxa aduaneira protectora, nociva para o povo em geral ou para outras categorias de operários.

preciso prover ao abastecimento das cidades, ao fabrico do pão, etc. E a satisfação destas necessidades, sem a qual a insurrei-ção seria logo anulada pela reacção do povo faminto, pode ser enormemente facilitada pelos sindicatos já organizados e prontos a continuar em vantagem de toda a população o trabalho que elles já executavam por conta dos capitalistas!"

O AUTOMATISMO SINDICAL

Vimos que, sob a designação de "sindicalista revolucio-nário", achamos as mais das vezes um anarquista. Contudo, é frequente nassem de preferencia aquella qualificação os que, em-por com as mesmas aspirações finais que nós, confiam inteira-mente nas virtudes intrinsecas do sindicato: este, para elles, conduz automaticamente, fatalmente, á revolução social e a uma sociedade de produtores livres e iguais, mesmo independentemen-te da acção e propaganda duma minoria consciente. Afinal, a di-ferença mede-se apenas em grau, pois não há anarquistas que ne-gue ao sindicato operário, agrupamento homogéneo de salarizados, a sua predisposição revolucionária, assim como não há sindical-ista que dê crédito completo a essa nova forma de fatalismo económico (verdadeiro pendant e complemento do outro fatalismo) conformando com elle a sua acção - ou inacção.

A historia do movimento operário em todos os países mostra-nos degenerações, recontros, longos estacionamentos, a luta de classe substituida pela colaboração com a burguesia, pela luta entre as corporações operárias, pelo reformismo estatal e patronal. No congresso anarquista de Amsterdão e noutras partes, Malatesta combaten essa concepção simplista de luta de classe, segundo a qual esta luta surge automaticamente, desde que se agrupam salarizados para defesa dos seus interesses immediatos, economicos e profissionais. Ora, entre os trabalhadores, toma-se dos individualmente, e entre as corporações de officio ou cate-gorias, há mudanças confusas e rivalidades de interesse, co-mo, por exemplo, quando uma corporação reclama a construção de corrações ou de arsenais (caso recente, em Itália), ou quando outra pede uma taxa aduaneira protectora, nociva para o povo em geral ou para outras corporações de operários.

Dizer que a luta de classe não nasce automática e fatalmente nas organizações corporativas, não é negá-la: nem disso pode ser acusado Malatesta, que é um dos mais lídimos representantes do anarquismo operário, - "de luta de classe"; poderíamos chamar-lhe, - e que sempre propugnou a acção directa, enérgica e solidária, dos trabalhadores contra a classe burguesa. É pelo contrário defini-la e defendê-la contra as falsificações dos corporativistas, que nela incluem actos de luta intercorporativa e de colaboração com a classe patronal. A luta de classe é a luta pelos interesses gerais do proletariado, ou pelos interesses corporativos que não contrariam aqueles; e, para ser revolucionária, deve visar à abolição das classes. E infelizmente, não é só o parlamentarismo, o pseudo-socialismo parlamentar, que conduz à colaboração de classes e à negação da luta de classe: o corporativismo, sem a acção consciente dos revolucionários, a cada passo aí vai ter.

A LIBERDADE DE PROPAGANDA NO SINDICATO

A demasiada confiança no automatismo revolucionário do sindicato pode levar a dois erros: a descurar a propaganda revolucionária, a considerar inútil e até nociva ou incómoda a acção das minorias libertárias no sindicato; e a julgar de pouca monta a questão do funcionalismo sindical retribuído e permanente.

A nosso ver, para que a organização operária de resistência se eleve, pela acção, pela experiência, pela discussão, à concepção superior dum interesse geral de classe, que possa abranger o de toda a humanidade pela integração de toda ela na classe única dos produtores úteis, possuidores em comum de todos os meios de produzir, a minoria consciente que actua no seu seio como fermento revolucionário deve evitar dois escolhos: o primeiro é a subordinação da organização operária a um partido político ou a adopção oficial duma doutrina, por mais revolucionária que seja; o segundo é, com o pretexto de independência, suprimir dentro do sindicato o franco e líal embate dos métodos e ideais, agindo no terreno e com os meios que o sindicato oferece.

Dizer que a luta de classe não nasce automática e fa-
 talmente nas organizações corporativas, não é negá-las: nem dis-
 se pode ser chamado Malatesta, que é um dos mais lídicos repre-
 sentantes do anarquismo operário, - "de luta de classe" podería-
 mos chamar-lhe, - e que sempre propunha a acção directa, ener-
 gica e solidária dos trabalhadores contra a classe burguesa. É
 pelo contrario defini-la e defendê-la contra as falsificações
 dos corporativistas, que nela incluem actos de luta intercorpo-
 rativa e de colaboração com a classe patronal. A luta de classe
 é a luta pelos interesses gerais do proletariado, ou pelos intere-
 resses corporativos que não contrariam aquelles; e, para ser re-
 volucionária, deve visar á abolição das classes. É infelizmente,
 não é só o parlamentarismo, o pseudo-socialismo parlamentar, que
 conduz á colaboração de classes e á negação da luta de classe:
 o corporativismo, sem a acção consciente dos revolucionários, a
 cada passo ali vai ter.

A LIBERDADE DE PROPAGANDA NO SINDICATO

A demasiada confiança no automatismo revolucionário do
 sindicato pode levar a dois erros: a descurar a propaganda revo-
 lucionária, a considerar inútil e até nociva ou inócua a acção
 das minorias libertárias no sindicato; e a julgar de pouca monta
 a questão do funcionalismo sindical retribuido e permanente.
 A nosso ver, para que a organização operária de reais
 êxito se eleve pela acção, pela experimentação, pela disciplina,
 concepção superior dum interesse geral de classe, que possa
 abranger o de toda a humanidade pela integração de toda ela na
 classe única dos produtores úteis, possuidores em comum de to-
 dos os meios de produzir, a minoria consciente que actua no seu
 seio como fermento revolucionário deve evitar dois escolhos: o
 primeiro é a subordinação da organização operária a um partido
 político ou a adopção official duma doutrina, por mais revolucio-
 nária que seja; o segundo é, com o pretexto de independência,
 suprimir dentro do sindicato o franco e lídico empenho dos métodos
 e ideias, agindo no terreno e com os meios que o sindicato ofe-

Desde que os operários, convencidos da inutilidade ou insuficiência da acção e meios mutualistas, cooperativos, eleitorais e parlamentares, assim como do mal da inércia, se decidem a lutar contra a exploração capitalista, só podem constituir uma verdadeira força se se unem sôbre o terreno dos seus interesses comuns, fora dos partidos e escolas doutrinarias. A violação dêste princípio de organização económica traz a dispersão de forças ou dá-nos uma ficção, perigosa para o próprio ideal apregoado na tabuleta: as ideias duma minoria artificialmente atribuidas à maioria inconsciente.

Mas a independência ante os partidos e escolas, a auto-administração da organização operária, não implica a expulsão do seio do sindicato dos ideais e das inevitáveis reacções dêstes sôbre a acção sindical. O sindicato não toma parte oficial em manifestações partidárias, não exerce funções que lhe não são próprias, age com os seus meios e no seu campo; mas nada mais. Unir forças não é nivelar tendências, nem abdicar opiniões. Pelo contrário. A alma da união está na tolerância e no respeito mútuo das opiniões, assim como a alma do movimento operário é a livre expansão das ideias - procurando conquistar, não os estatutos e as declarações oficiais, mas o espírito dos associados e das massas, para se traduzir espontâneamente em factos.

O FUNCIONALISMO SINDICAL

A questão do funcionalismo sindical não está posta em Portugal. Por um lado, não há funcionários pagos permanentes; e por outro, a inconsciência e a desorganização da massa exigem a iniciativa e a dedicação dos militantes.

Convém, porém, estarmos prevenidos contra o perigo duma burocracia sindical, que contrariasse o fim do sindicalismo revolucionário e do anarquismo. Os funcionários permanentes, obrigados a um equilíbrio entre as várias tendências, paralisados pelas responsabilidades da sua situação, são levados a descuidar, em seguida a dificultar e finalmente a trair a propaganda e acção revolucionárias, tendendo para se encerrar nas tarefas administrativas e estreitamente corporativas. E como,

Desde que as operações, conveniências da inutilidade ou ineficiência da ação e meios mutualistas, cooperativos, eleitorais e parlamentares, assim como do mal da inércia, se decidem a lutar contra a exploração capitalista, só podem constituir uma verdadeira força se se unem sobre o terreno dos seus interesses comuns, fora dos partidos e escolas doutrinais. A violação deste princípio de organização econômica traz a dispersão de forças ou dá-nos uma ficção, perigosos para o próprio ideal quando na tabuleta: as ideias dum minoria artificialmente agrupadas é maioria inconsciente.

Mas a independência ante os partidos e escolas, a autonomia da organização da organização operária, não implica a expulsão do meio do sindicato dos ideais e das inevitáveis resoluções destes sobre a ação sindical. O sindicato não toma parte oficial em manifestações partidárias, não exerce funções que lhe não são próprias, age com os seus meios e no seu campo; mas nada mais. Uma força não é nívelar tendências, nem abdicar opiniões. Pelo contrário. A alma da união está na tolerância e no respeito mútuo das opiniões, assim como a alma do movimento operário é a livre expansão das ideias - procurando conquistar, não os estatutos e as declarações oficiais, mas o espírito das associações e das massas, para se traduzir espontaneamente em factos.

O FUNCIONALISMO SINDICAL

A questão do funcionalismo sindical não está posta em Portugal. Por um lado, não há funcionários pagos permanentes; e por outro, a inconstância e a desorganização da massa exigem a iniciativa e a dedicação dos militantes.

Govêrnem, porém, estamos prevenidos contra o perigo dum funcionalismo sindical, que contrariasse o fim do sindicalismo revolucionário e do anarquismo. Os funcionários permanentes, obrigados a um equilíbrio entre as várias tendências, paralisados pelas responsabilidades da sua situação, são levados a desunidar, em seguida a dificultar e finalmente a trair a própria e acção revolucionária, tendência para se encerrar nas tarefas administrativas e estreitamente corporativas. É como,

em geral, adquiriram influência e prestígio entre os sindicados, estes seguem amiúde os seus pastores, quase sempre sem perceber a mudança: tanto mais fácilmente, quanto mais se houverem acostumado a deixar aos seus funcionários e militantes o cuidado da acção e da iniciativa. O funcionalismo sindical pode ainda constituir uma ameaça numa remodelação social, tendendo a ficar como nova burocracia, estranha à produção, num novo Estado.

Sobretudo os anarquistas devem - salvo circunstâncias especiais, necessidades impreteríveis e irremediáveis de outro modo - conservar-se simples sindicados entre os sindicados, para suscitar energias, despertar consciências, impelir os indivíduos à acção directa e à gerência directa do trabalho.

ATITUDE DOS ANARQUISTAS NO SINDICATO

Primeiro que tudo, uma questão que diremos pessoal: o anarquista deve principiar por se fazer estimar e escutar. Questão de temperamento, de feitio, dir-se há; mas nós, que somos propagandistas, que queremos determinar vontades pela doutrinação e pelo exemplo, comecemos por educar a nossa.

Componhamos para nós uma filosofia essencialmente anarquista, baseada em três princípios: a dúvida, derivada da inexistência duma certeza absoluta e porta aberta a novas verdades, a modificações nas ideias próprias; a tolerância, filha dessa dúvida e da necessidade do respeito alheio às nossas convicções; a acção, suprema necessidade da vida e único modo de verificar hipóteses e descobrir verdades. A dúvida e a tolerância, sem a acção, seriam o scepticismo doentio e desfibrador, o negativismo estéril e impotente, ^{ou} a subserviência mole e apática. E agir sem um plano, modificável embora pela experiência, ou, por outro lado, segundo uma fé cega e intolerante, seria andar às cabeçadas e correr ao encontro dos maiores desastres. Não sejamos zaragateiros inconsultos, nem críticos rabugentos e enervadores.

Livremo-nos sobretudo de criticar apenas sem dar o exemplo da iniciativa e da acção. Nos actos e movimentos que só muito moderadamente nos agradem, sejamos nós os mais activos e

em geral, adquiriram influência e prestígio entre os sindicatos, estas seguem ainda os seus pastores, quase sempre sem perceber a mudança: tanto mais facilmente, quanto mais se houverem acostumado a deixar nos seus funcionários e militantes o estado da acção e da iniciativa. O funcionalismo sindical também de ainda constituir uma ameaça numa remodelação social, tendo de a ficar como nova burocracia, estranha à produção, num novo Estado.

Sobretudo os anarquistas devem - salvo circunstâncias especiais, necessárias imprevisíveis e irremediáveis de outro modo - conservar-se simples sindicatos entre os sindicatos, para ascitar energias, despertar consciências, impelir os indivíduos à acção directa e à gerência directa do trabalho.

ACTITUDE DOS ANARQUISTAS NO SINDICATO

Primeiro que tudo, uma questão que diremos pessoal: o anarquista deve principiar por se fazer sentir e escutar. Questão de temperamento, de fôlego, dir-se há; mas nós, que somos propagandistas, que queremos determinar vontades pela doutrinação e pelo exemplo, comecemos por educar a nossa.

Comprehendamos para nós uma filosofia essencialmente anarquista, baseada em três princípios: a dúvida, derivada da incerteza duma certeza absoluta e porta aberta a novas verdades, a modificações nas ideias próprias; a tolerância, filha dessa dúvida e da necessidade de respeito alheio às nossas convicções; a acção, suprema necessidade da vida, e único modo de verificar hipóteses e descobrir verdades. A dúvida e a tolerância, sem a acção, seriam o scepticismo doente e desiludido, o negativismo estéril e impotente, a subservidade mole e apática. E agir sem um plano, modificável embora pela experiência, ou, por outro lado, segundo uma fé cega e intolerante, seria andar às cegas e correr ao encontro dos maiores desastres. Não sejamos característicos inconscientes, nem críticos rabugentos e enervadores. Livremo-nos sobretudo de criticar apenas sem dar o exemplo da iniciativa e da acção. Nos actos e movimentos que são muito moderadamente nos estragem, sejamos nós os mais activos e

dedicados, depois de termos francamente exprimido a nossa opinião, e trabalhando em todo caso na parte mais harmónica com as realidades, os anarquistas não desconhecem o inevitável e indispensável dos melhoramentos e conquistas parciais. Fazem, porém, uma selecção, orientados pelos interesses gerais do proletariado, considerado como classe em vias de emancipação, e pelo bem duma humanidade livre e sem classes.

Nos conflitos e dissensões entre operários, digamos nós a palavra de tolerância e de concórdia: "paz entre nós, guerra aos senhores!" como se canta na Internacional. Os anarquistas não veem para desunir, mas para unir. Nós não temos interesses pessoais nem de partido a salvaguardar, não disputamos o domínio, como os políticos, - para os quais, aliás, a própria cordialidade serve de instrumento ~~de instrumento~~ nessa disputa. A nossa cordialidade não aspira... à presidência da República, mas a

servir o nosso ideal e a promover entre os oprimidos e explorados uma união moral que, à falta duma identidade de ideias e aspirações, seja a primeira base da luta solidária contra os amos para emancipação comum. E desejando nós que os grupos produtores do futuro sejam tolerantes, livres e abertos, mais uma razão para reformar os actuais, etc.), as quais conduzem à colaboração com a burguesia, dividem o proletariado em categorias rivais, dispersas pelos diferentes partidos políticos, franca ou disfarçadamente burgueses, e são

A PROPAGANDA ANARQUISTA NOS SINDICATOS

Os operários anarquistas reclamam o direito à livre expansão das suas ideias nos sindicatos, tanto mais que essas ideias são precisamente, antes de tudo, a independência da organização operária ante os partidos, a sua abstenção nas lutas políticas partidárias, o emprêgo exclusivo dos meios de acção directa próprios do sindicato e comuns a todos os salarizados. Os anarquistas querem que a luta operária seja directamente conduzida pelos próprios interessados, assim como pretendem que a re-
(social)
organização seja obra directa dos trabalhadores.

Em matéria de organização, reclamam a maior simplificação administrativa, a maior elasticidade, a mais perfeita realização possível dos princípios de autonomia e livre federação.

Quanto ao fito da actividade sindical, embora os preo-

debedos; depois de termos francamente exprimido a nossa opi-
 ão, e trabalhando em todo caso na parte mais harmonica com as
 nossas convicções e no sentido por ellas determinado. Não desco-
 roemos, não estorvemos a acção, sob pretexto de criticas; por-
 que, se o fizéssemos, não só perderíamos nós o credito em breve,
 mas faríamos perder aos outros o beneficio da experiencia.
 Nos conflitos e dissensões entre operários, digamos nós
 a palavra de tolerancia e de concórdia: "paz entre nós, guerra
 aos senhores!" como se canta na Internacional. Os anarquistas
 não veem para desunir, mas para unir. Nós não temos interesses
 pessoais nem de partido a salvaguardar, não disputamos o domi-
 nio, como os politicos, - para os quaes, aliás, a propria cordia-
 lidade serve de instrumento de ~~instrumento~~ de instrumento nessas disputas. A nos-
 sa cordialidade não aspira... a presidencia da Republica, mas a
 servir o nosso ideal e a promover entre os oprimidos e explor-
 dos uma uniao moral que, á falta duma identidade de ideias e as-
 piracões, seja a primeira base da luta solidaria contra os amos
 para emancipação commum. E desejando nós que os grupos produtores
 do futuro sejam tolerantes, livres e abertos, mais uma razão pa-
 ra debede já prepararmos esse estado de espirito nos sindicatos,
 primeiros núcleos da sociedade nova.

A PROPAGANDA ANARQUISTA NOS SINDICATOS

Os operários anarquistas reclamam o direito á livre ex-
 pressão das suas ideias nos sindicatos, tanto mais que essas
 ideias são precisamente, antes de tudo, a independencia da orga-
 nização operaria ante os partidos, a sua abstenção nas lutas po-
 liticas partidarias, o emprego exclusivo dos meios de acção di-
 recta próprios do sindicato e communs a todos os salarizados. Os
 anarquistas querem que a luta operaria seja directamente condu-
 zida pelos próprios interessados, assim como pretendem que a re-
 organização ^(social) seja obra directa dos trabalhadores.
 Em materia de organização, reclamam a maior simplicidade
 e administrativa, a maior elasticidade, a mais perfeita reali-
 zação possível dos principios de autonomia e livre Federação.
 Quanto ao tipo de actividade sindical, embora os proo-

cupe sobretudo a necessidade duma revolução social, bem como a urgência de dar ao maior número possível a consciência dessa necessidade, os anarquistas não desconhecem o inevitável e o indispensável dos melhoramentos e conquistas parciais. Fazem, porém, uma selecção, orientados pelos interesses gerais do proletariado, considerado como classe em vias de emancipação, e pelo bem duma humanidade livre e sem classes.

Os anarquistas apoiam o que poderíamos chamar reformas de economia operária, referentes ao trabalho e à oficina, girando no âmbito dos interesses directos dos trabalhadores e sujeitas à sua contínua fiscalização e acção directas, garantias únicas de realização. Também favorecem a acção directa e a pressão exterior sôbre os poderes públicos, quando se trata dos interesses directos, morais ou materiais, do povo trabalhador.

Mas há uma classe de reformas, a cuja conquista, independentemente dos métodos de acção, o operariado não deve dedicar as suas fôrças organizadas, nem os anarquistas podem associar-se: são as reformas de economia burguesa (fomento, intensificação da indústria nacional, protecção ou livre câmbio, reformas orçamentais, etc.), as quais conduzem à colaboração com a burguesia, dividem o proletariado em categorias rivais, dispersas pelos diferentes partidos políticos, franca ou disfarçadamente burgueses, e são para estes o melhor engodo destinado a atrair os trabalhadores ingênuos.

AS REFORMAS ECONÓMICAS BURGUESAS

Em todos os países, mesmo nos mais industriais, quando os operários reclamam melhorias, respondem-lhes com o deficit do orçamento ou da produção, ou com a incapacidade das indústrias, ou com a concorrência estrangeira, etc. O que os operários (ou os militantes por êles) devem responder é o seguinte:

- Arranjem-se lá como puderem. Vocês é que teem a administração: só vocês poderão e deverão tratar do desenvolvimento industrial e da distribuição dos encargos entre iguais, habilitando-se a satisfazer as nossas reclamações inadiáveis. Lá se avenham uns com os outros; nós queremos ter uma existência mais

o que sobretudo a necessidade de uma revolução social, bem como a urgência de dar ao maior número possível a consciência dessas necessidades, os anarquistas não desconhecem o inevitável e o indispensável dos melhoramentos e conquistas parciais. Fazem, porém, uma seleção, orientados pelos interesses gerais do proletariado, considerado como classe em vista de emancipação, e pelo bem da humanidade livre e sem classes.

Os anarquistas apoiam o que poderíamos chamar reformas de economia operária, referentes ao trabalho e à oficina, girando no âmbito dos interesses directos dos trabalhadores e sujeitas a sua contínua fiscalização e acção directa, garantidas pelas leis de realização. Também favorecem a acção directa e a pressão exterior sobre os poderes públicos, quando se trata dos interesses directos, morais ou materiais, do povo trabalhador.

Mas há uma classe de reformas, a cuja conquista, independentemente dos métodos de acção, o operariado não deve dedicar as suas forças organizadas, nem os anarquistas podem apoiar-se: são as reformas de economia burguesa (fomento, intensificação da indústria nacional, proteccionismo ou livre comércio, reformas organizadas, etc.), as quais conduzem à colaboração com a burguesia, dividem o proletariado em categorias rivais, disputadas pelas diferentes partidos políticos, francos ou disfarçadamente burgueses, e são para estes o melhor engodo destinado a atrair os trabalhadores ingénuos.

AS REFORMAS ECONÓMICAS BURGUESAS

Em todos os países, mesmo nos mais industrializados, quando os operários reclamam melhorias, respondem-lhes com o deficite do orçamento ou da produção, ou com a incapacidade das indústrias, ou com a concorrência estrangeira, etc. O que os operários (ou os militantes por eles) devem responder é o seguinte:

- Arranjem-se lá como puderem. Vocês é que têm a admiração: se vocês poderão e deverão tratar do desenvolvimento industrial e da distribuição dos encargos entre iguais, habilitando-se a satisfazer as nossas reclamações inadiáveis. Lá se aventam uns com os outros; nós queremos ter uma existência mais

humana e tornar mais livre o trabalho. Já que não administramos directamente as coisas, já que são vocês os detentores e directores de tudo, assumam as relativas responsabilidades. E, se não podem, arreiem: abandonem o pôsto...

Quando muito, à laia de argumento, para retrucar ao hipócrita "não podemos" capitalista, poderão os operários indicar o que os detentores da riqueza social deveriam fazer, em matéria de fomento, aplicação de receitas, desenvolvimento das indústrias, aperfeiçoamentos técnicos, etc.

E para esporear os capitalistas nas medidas e trabalhos de utilidade geral, teem os operários as suas reclamações de salários, horas de trabalho, higiene e melhoramento da oficina, etc. Essas conquistas, quando restringidas a um grupo ou a poucos grupos de trabalhadores, são recuperadas pelos patrões sôbre a massa produtora e consumidora. Mas se elas se generalizam, se a todo o operariado se estende o movimento de reivindicações, as repercussões encontram forte resistênciã, tendem a provocar novas exigências operárias, e os patrões e governantes tratarão de as evitar, refazendo-se de outro modo: repartindo entre si os encargos de maneira diversa, aumentando a produção, barateando os produtos por meio de novos processos técnicos, etc. O desenvolvimento industrial de muitos países tem em boa parte essa expliação. Mais uma razão para a generalização da organização e movimento operários.

A acção operária, de classe, independente e livre de compromissos e colaborações nefastas, não é só caracterizada pelo método, pela luta directã, mas ainda pela natureza das reivindicações. Saindo dela, o sindicato contradiz a sua missão, desune, em vez de unir. Os anarquistas é que não podem aceitar reformas capitalistas, que empurram o operariado para a colaboração com a classe burguesa, para a criação de categorias operárias antagónicas e para a formação de sub-classes privilegiadas no seio do proletariado.

Chegados ao fim do nosso trabalho, que aliás maiores desenvolvimentos demandaria, condense-mo-lo em poucas conclusões.

humana e tornar mais livre o trabalho. Já que não administramos diretamente as coisas, já que são vocês os detentores e diretores de tudo, assumam as relativas responsabilidades. E, se não podem, arremtem: abandonem o pôsto...

Quando muito, é mais de argumento, para retrucar ao "pôsta" "não podemos" capitalista, poderão os operários indicar o que os detentores da riqueza social deveriam fazer, em matéria de fomento, aplicação de receitas, desenvolvimento das indústrias, aperfeiçoamentos técnicos, etc.

E para esporar os capitalistas nas medidas e trabalhos de utilidade geral, tem os operários as suas reclamações de salários, horas de trabalho, higiene e melhoramento da oficina, etc. Essas condutas, quando restringidas a um grupo ou a poucos grupos de trabalhadores, são recuperadas pelas patrões sobre a massa produtora e consumidora. Mas se elas se generalizam, se a todo o operariado se estende o movimento de reivindicações, as perseguições encontram forte resistência, também a provocar novas exigências operárias, e os patrões e governantes tratam de as evitar, fazendo-se de outro modo: repartindo entre si os encargos de maneira diversa, aumentando a produção, tratando os produtos por meio de novos processos técnicos, etc. O desenvolvimento industrial de muitos países tem em boa parte essa explicação. Mas uma razão para a generalização da organização e movimento operários.

A ação operária, de classe, independente e livre de compromissos e colaborações nefastas, não é só caracterizada pelo método pela luta directa, mas ainda pela natureza das reivindicações. Saíndo dela, o sindicato contradiz a sua missão, desnaturalizando-se em vez de unir. Os anarquistas é que não podem aceitar formas capitalistas, que empurram o operariado para a colaboração com a classe burguesa, para a criação de categorias operárias antagónicas e para a formação de sub-classes privilegiadas no seio do proletariado.

Chegado ao fim do nosso trabalho, que ainda maiores desenvolvimentos demandaria, condensamo-lo em poucas sínteses.

CONCLUSÕES

a) Consideramos o sindicato como agrupamento necessário de luta de classe, para defesa imediata dos interesses morais e materiais dos trabalhadores, e como primeira célula da sociedade renovada, assegurando a indispensável continuidade da vida social;

b) Vemos no sindicato um terreno admiravelmente predisposto para a sementeira das nossas ideias - ideias de emancipação dos oprimidos e abolição das classes, expressão das necessidades populares e consequência lógica do movimento operário; mas achamos imprescindível essa sementeira, a acção duma minoria revolucionária consciente e activa dentro da organização sindical;

c) Desejamos ¹sindicatos independentes dos partidos políticos, administrando-se a si próprios, ³abertos a todos os trabalhadores de qualquer crença ou opinião, ²agindo com os seus próprios meios, ⁴dando a tôdas as convicções liberdade de expansão e de discussão;

d) Temos como necessária e educativa a acção directa e incessante dos trabalhadores organizados para melhoramento das suas condições; mas reputamos nefastas as reformas que, com qualquer método de acção, criam antagonismos operários e levam à colaboração de classes, ou ao fortalecimento do Estado e ao desenvolvimento da sua burocracia.

Camaradas:

Onde quer que nos achemos, não percamos de vista o nosso fim - a expropriação da burguesia e a reorganização da sociedade por obra directa dos produtores úteis, em vantagem de todos; e o meio supremo para êsse fim: a revolução social, revestindo provavelmente a forma de greve geral, imediatamente insurreccional e expropriadora, a abrir o caminho a novas possibilidades, a criar condições para novas formas de vida.

Lancemos, pois, desde já, no cadinho dessa revolução que se elabora, o oiro puro das nossas ideias e esforços integrais, para obter a melhor liga possível, susceptível de se purificar em breve com novas adições.

